

ANDERSON ZANIN MATIAS

***A SOLIDARIEDADE CAIPIRA: PRÁTICAS DE MUTIRÃO EM  
CONCHAS / 2009.***

SÃO PAULO

2010

ANDERSON ZANIN MATIAS

***A SOLIDARIEDADE CAIPIRA: PRÁTICAS DE MUTIRÃO EM  
CONCHAS / 2009.***

Projeto de Pesquisa para obtenção do título  
de Especialista em História, sob orientação da  
Professora Doutora Vera Lucia Vieira

SÃO PAULO

2010

## SUMÁRIO

<b>Resumo.....</b>	<b>04</b>
<b>Introdução .....</b>	<b>05</b>
<b>Justificativa.....</b>	<b>10</b>
<b>O tema na Historiografia.....</b>	<b>15</b>
<b>Um breve perfil do objeto de Estudo.....</b>	<b>24</b>
<b>Fontes.....</b>	<b>28</b>
<b>Bibliografia.....</b>	<b>31</b>

## **Resumo**

O objetivo desse trabalho é analisar como as práticas de mutirão ainda vigentes em 2009, na cidade de Conchas, no interior do Estado de São Paulo, expressam aspectos da cultura de habitantes da zona rural, particularmente a solidariedade. Aborda-se que muitos dos hábitos de vida da sociedade denominada caipira ainda são utilizados século XXI, ou seja, o sertanejo mantém costumes que o caracterizaram enquanto tal no passado, dentre os quais, o mutirão destaca-se enquanto prática de solidariedade em bairros rurais do interior paulista.

Apesar de trabalhos recentes apontarem que o modo de vida do caipira foi totalmente modificado devido à modernização e que este sucumbiu às facilidades advindas do desenvolvimento tecnológico apropriados pelo capital, ainda assim, observa-se que a prática do mutirão cumpre uma importante função de agregação social. Através desta prática reconstitui-se periodicamente aspectos de sua religiosidade, de suas músicas, enfiam, de recuperação do tecido social.

Para o desenvolvimento deste trabalho nos utilizamos de entrevistas realizadas com a população do citado bairro e, neste sentido, nos aproximamos da história oral, tomada enquanto técnica de resgate das representações que tais pessoas fazem de seu próprio cotidiano.

**Palavras chaves: mutirão, caipira, modernização, mundialização**

## Introdução

Atualmente (2009), vivemos tempos de modernidade em que a mundialização se expressa no cotidiano das pessoas, subordinando formas de sociabilidade locais e subsumindo identidades regionais a padrões culturais comuns. O sentido que a mundialização assume no mundo hodierno fica bem expresso na metáfora criada pelo sociólogo italiano Domenico De Masi:

Antes de mais nada, a globalização. É sabido que, quando se atira uma pedra no lago, se obtém uma série de ondas concêntricas que se propagam, de forma contínua, por toda a superfície aquática. Do mesmo modo, graças ao progresso tecnológico, o nosso planeta tornou-se um pequeno lago, onde cada onda atinge e envolve rapidamente até os cantos mais remotos.<sup>1</sup>

Para ele, o regionalismo de antes cede espaço para um mundo mais interligado, em que são globalizados os meios de comunicação em massa, a ciência, o dinheiro, a cultura enfim. Dando como exemplo a Fiat, que outrora produzia seus carros com todas as peças produzidas na Itália, agora, com a globalização, somente uma pequena parte das peças que compõe este veículo é produzida neste país, o restante vem de vários outros países. Continua o autor a ponderar que com a globalização obtivemos muitas vantagens. Tudo ficou mais próximo e fácil, mas há também o lado negativo, afirma ele, ao falar da diversidade. Vejamos:

Das pelo menos 20 mil línguas que existiam no início desse processo, atualmente parece que sobrevivem apenas sete mil e, além disso, entre estas criou-se uma nova hierarquia. O inglês e o espanhol são falados por vários bilhões de pessoas, tornando-se indispensáveis à comunicação entre os povos.

E a Internet é um passo a mais nessa direção: quem não sabe inglês não pode navegar na rede. Já no passado ocorreu algo parecido com o latim,

---

<sup>1</sup> DE MASI, Domenico. *O ócio criativo/Domenico De mais; entrevista a Maria Serena Palieri*; tradução de Lea Manzi – Rio de Janeiro: Sextante, 2000, pg 140,141.

língua oficial em todo o Império Romano e depois na Igreja. Logo, era uma língua falada por todas as elites. Porém, justamente, tratava-se de elites, não de massas informadas pela mídia e pela Internet. É verdade que o padre francês falava o mesmo latim que o padre filipino, mas os costumes da gente comum, incluindo a língua, permaneciam profundamente variados, originando todo um florescer de culturas que devem ser apreciadas na própria estrutura, como bem nos ensinou Lévi-Strauss. (...) Os antropólogos, que são os maiores especialistas no assunto, nos advertem contra os perigos irreparáveis desse achatamento global.<sup>2</sup>

Além de Domenico De Masi, outros autores discutem o tema mundialização e sua relação com a cultura. É o caso de Renato Ortiz, que trata com grande inteligência esse tema e sua relação com a cultura<sup>3</sup>. Já Otávio Ianni faz uma abordagem da globalização e suas influências sobre as diversidades e desigualdades dos movimentos da sociedade.<sup>4</sup>

Tal padronização aparece no cotidiano da vida das pessoas, em quaisquer lugares em que estejam e que tenham contato com os produtos resultantes desta tecnologia. É mais comum, nos dias de hoje, encontrar em lojas e outros tipos de comércio, palavras em inglês, anunciando promoções do que informações em nosso próprio idioma e isto, não só é valorizado, como também acaba atuando como fator de integração social, ou seja, incorporando tais símbolos e expressões, a pessoa se sente como se participe daquela sociedade, daquele grupo.

Neste contexto, não haveria de ser diferente no concernente ao que denominamos cultura caipira, tomada aqui enquanto uma expressão destas identidades regionais.

Nota-se que, apesar da troca de informação estar acontecendo de maneira muito rápida no mundo, os aspectos culturais regionais ainda sobrevivem em nosso país, podendo ser destacada a cultura caipira.

---

<sup>2</sup> - Idem, pg. 142

<sup>3</sup> ORTIZ, Renato. *Mundialização e cultura*. São Paulo: Brasiliense, 2ª Ed., 1996.

<sup>4</sup> IANNI, Otávio. *A era do Globalismo*. São Paulo: Civilização brasileira, 1ª Ed., 1996.

Neste trabalho demonstramos que, apesar desta subsunção vários aspectos que caracterizam o modo de vida do sertanejo ainda sobrevivem em regiões do país, revitalizados pela necessidade de sobrevivência e, neste sentido, cumprem a importante função social de regeneração do tecido social esgarçado pela individualidade e competitividade inerentes às relações societárias configuradas na mundialização.

Assim, distintamente do que comprova Antonio Candido em sua obra “Os Parceiros do Rio Bonito”, segundo a qual a sociedade caipira, antes livre da influência externa e quase que autônoma, vai desaparecendo com a entrada do capitalismo, identificamos que, em alguns bairros rurais do interior paulista ocorre uma revitalização de práticas culturais centradas nos mutirões. O extenso trabalho desse autor considera que as formas produtivas caipiras antecedem ao capitalismo porque eram baseadas na troca e não na comercialização. Naquelas anteriores condições, as pessoas estabeleciam formas específicas de relações sociais/culturais, tais como a vizinhança, a parceria, a solidariedade, etc. e tais práticas são substituídas pela competitividade não só em termos da produção e comercialização de produtos para o mercado, como também isto se reproduz nas relações pessoais, esgarçando o tecido social fundado na solidariedade.

O que se propõe mostrar é como, apesar de toda essa modernização, alguns aspectos da vida do caipira ainda permanecem, tendo no mutirão o aspecto central que possibilita o revigoramento de sua religiosidade, sua música e principalmente a solidariedade.

Outrora o mutirão era um dos fatores que unia os pequenos proprietários rurais e outras populações sertanejas como os meeiros, arrendatários ou colonos, cuja condição praticamente desaparece à medida que a produção rural é subordinada à urbana que acompanha do desenvolvimento da industrialização.

O regime de mutirão, segundo o dicionário Houaiss - significa: *trabalho voluntário realizado coletivamente*. No entanto, o professor Antonio Candido no livro já citado relata como o mutirão era na sociedade caipira sua manifestação mais importante.<sup>5</sup> Segundo ele, esta atividade consiste na reunião de vizinhos para auxiliar um dos integrantes de uma comunidade a efetuar determinado trabalho.<sup>6</sup>

O caipira moderno não vive mais em isolamento, onde as famílias só saíam de seus bairros rumo à cidade para comprar sal ou outro produto de sua necessidade. Viviam do extrativismo, da agricultura de subsistência e da criação de animais domesticados. O mutirão era uma forma das famílias residentes no mesmo bairro rural se ajudarem na colheita ou na construção de casas e barracões. Exceto em tais ocasiões, as famílias só se encontravam nas festividades religiosas quando se reuniam para comemorar os dias dos santos. Hoje o sertanejo tem imensa facilidade de ir à cidade e a tecnologia lhe permite um contato com o mundo sem mesmo sair de seu espaço físico. Muitos, inclusive, possuem casas na cidade e na zona rural, porém mantêm hábitos advindos dos antigos sertanejos, como o de regular o seu dia de trabalho por meio da natural do tempo natural, ou seja, olhando para o sol, no entanto o relógio está presente na sua vida para perceber o tempo passar. Sobre estas evidências, o trabalho *Tempos e Espaços nos mundos rurais do Brasil*, apresentado no Encontro sobre reforma agrária, em junho de 2006 na Universidade Federal de Uberlândia, diz:<sup>7</sup>

Costumes antigos e ritos religiosos, ainda estão presentes no preparo do terreno, nas festas de colheita, em muito maior escala do que nossas medidas acadêmicas alcançam. E o passar do tempo ainda subordina o

---

<sup>5</sup> CANDIDO, Antonio. *Os parceiros do Rio Bonito*, São Paulo:Ed. 34, 2001:87.

<sup>6</sup> Idem, p 88.

<sup>7</sup> É como se o caipira moderno não se regulasse ainda pelo tempo natural do relógio, obedecendo ainda o tempo natural, conforme já enfatizou o autor BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *Tempos e Espaços nos mundos rurais do Brasil*, Ruris, Revista do centro de estudos rurais, vol 01 Unicamp 2007.

relógio ao sol e o calendário oficial ao das festas populares e às marcações naturais das estações do ano.

Por mais estranho que se possa imaginar os caipiras, em 2008, ainda se reuniam em festas religiosas realizadas nas capelas dos bairros rurais, até mesmo aqueles que há muito deixaram aquelas regiões para morar e trabalhar nos grandes centros, voltam para participarem destas festas. O que se nota nestas festividades é que tudo o que é vendido, advém de doação da comunidade rural e o lucro é revertido na melhoria da capela religiosa. Antonio Candido fala desta religiosidade do sertanejo.

...e freqüentemente em lugar dessa prática centralizada pela vila, há a série considerável de práticas que têm por universo o grupo rural de vizinhanças. Sob este aspecto poderíamos definir o bairro (o que foi feito sob o aspecto econômico) como o agrupamento mais ou menos denso de vizinhança, cujos limites se definem pela participação dos moradores nos festejos religiosos locais. Quer mais amplos e organizados, geralmente com apoio na capela a determinado santo; quer os menos formais, promovidos em caráter doméstico. Vemos assim, que o trabalho e a religião se associam para configurar o âmbito e o funcionamento do grupo da vizinhança, cujas moradias, não raro muito afastadas umas das outras, constituem unidade, na medida em que participam no sistema destas vizinhanças.<sup>8</sup>

E sobre estes festejos diz ainda;

As atividades da capela são as seguintes: 1) festa anual do padroeiro (16 de agosto), com uma semana de rezas e leilões, terminando por missa, reza e procissão, com a presença do vigário; 2) rezas com leilão nos primeiro e terceiro domingos de cada mês; 3) missas uma vez por mês, pelo vigário. Como se sabe as rezas são dirigidas por um capelão caipira, versando no essencial da liturgia. Para dar andamento as atividades, é necessário acentuada coordenação, envolvendo a participação de grande número de pessoas e movimentando praticamente todo o bairro.<sup>9</sup>

---

<sup>8</sup> CANDIDO, Antonio. *Os parceiros do Rio Bonito*, São Paulo:Ed. 34, 2001:94

<sup>9</sup> - idem, pg.95

Desta forma, Candido vai descrevendo passo a passo a organização dos festejos no bairro rural que foi objeto de seu estudo no município de Bofete.

O que se observa é que, passados mais de cinquenta anos da pesquisa de Antonio Candido, as tradições das festividades religiosas nos bairros rurais dos municípios de Conchas e mesmo em Bofete, ainda são realizadas quase nos mesmos moldes das que eram realizadas em 1948.

### **Justificativa**

Recentemente, estive em uma festividade religiosa, no bairro rural de São Roque, que pertence ao município de Conchas, interior do Estado de São Paulo e, conversando com as pessoas que estavam participando desta festa, obtive relatos de que o novo barracão da igreja, onde a festividade estava ocorrendo, fora construído através de mutirão dos moradores daquele bairro rural e que também todo o material utilizado nessa construção havia sido doado por moradores de lá.

Neste caso, pode-se constatar que esta prática é utilizada ainda nos bairros rurais, beneficiando a pequena capela do bairro. O mutirão aconteceu devido à religiosidade, mas o que se propõe é ver se essa mesma prática ocorre ainda em 2009, nas atividades de trabalho.

A prática do mutirão nas sociedades caipiras antigas era muito utilizada e difere da cooperação, segundo Maria Sylvia de Carvalho Franco, pois o primeiro nada mais é que uma ajuda gratuita e voluntária entre vizinhos, sem comando e organização, ou seja, um trabalho de mão de obra comum, os participantes do mutirão realizam conjuntamente tarefas semelhantes ou ligeiramente diversificadas, que todos dominam em grau muito aproximado de perícia. Nessa prática não se pode observar o exercício formal de uma autoridade que coordene e confira continuidade à ação das pessoas que dele

participam. Isto se liga muito diretamente à estrutura social indiferenciada do grupo caipira como um todo. Enquanto a cooperação que aparece nas formas modernas de organização do trabalho, trazem implícitos o controle e a disciplina.

O mutirão é uma ajuda na forma de trabalho e sua convocação acontece quando determinado indivíduo, que habita esse bairro rural não conseguira fazer esse trabalho sozinho, ou somente com os componentes da sua família desta forma seus vizinhos se reúnem de forma voluntaria e auxiliam aquela família nas atividades de colheita, plantio etc. É uma suplementação da mão de obra para diminuir o tempo de trabalho, necessário para realização de determinado serviço.

Franco, fala ainda, que essa ajuda também pode ser de interesse coletivo da comunidade, por exemplo, na realização de benfeitorias, como na construção de caminhos, capelas etc.

E sobre a prática do mutirão nas atividades de trabalho Antonio Candido, descreve um dialogo que teve com um velho caipira:

Um velho caipira me contou que no mutirão não há obrigação para com as pessoas, e sim para com Deus, por amor de quem se serve o próximo; por isso, a ninguém é dado o recusar auxilio pedido. Um outro, referindo-se ao tempo de dantes, dizia que era o “tempo de caridade” – justamente por essa disposição universal de auxiliar na lavoura a quem solicitasse. Ambos, todavia, se referiam sempre a auxilio de moradores do mesmo bairro --- que era o limite da cooperação e dos deveres.

A necessidade de ajuda imposta pela técnica agrícola e a sua retribuição automática determinava a formação de uma rede ampla de relações, ligando uns aos outros os habitantes do grupo de vizinhança e contribuindo para a sua unidade estrutural e funcional. Este caráter por assim dizer inevitável da solidariedade aparece ainda mais claramente nas formas espontâneas de auxilio vicinal coletivo, que constituíam modalidade particular do mutirão (...)

(...) Era o caso de vizinhos, percebendo que um deles estava apurado de serviço, combinarem entre si ajudá-lo, sem aviso prévio. Às vezes o beneficiado ficava sabendo e preparava comida para recebê-los; outras vezes, era realmente surpreendido e improvisava a refeição. A diferença estava não apenas na motivação do auxilio (espontâneo, não convocado),

mas também, no fato do beneficiado não dar festa; e muitas vezes a falta de recurso para promovê-la é o que o havia impedido de fazer a convocação.<sup>10</sup>

Podemos constatar nas citações dos dois autores que o mutirão caipira é um gesto de solidariedade, de amizade, onde não há um comando ou supervisão nas ações e todos os seus participantes têm conhecimento prévio acerca do trabalho, pois não são tarefas, que não exigem muito conhecimento. A complexa relação social inerente ao mutirão se manifesta também na necessidade do provimento das refeições, ou seja, implica desde o planejamento do montante a ser servido dependendo do número de pessoas envolvidas, a aquisição ou captação dos mantimentos, a preparação propriamente dita e sua distribuição, assim como a logística da distribuição e das atividades de limpeza. Apenas no quesito da dieta, isto é, do que se comia, Cândido fez criteriosa pesquisa sobre a dieta do caipira e seus hábitos alimentares.

Todos os alimentos são de produção familiar, explicando-se a presença de leite pelo fato de tendo um filhinho doentio, manter uma cabra para seu uso. O tomate aparece esporadicamente, tendo sido colhido na véspera...

O arroz e o feijão (implicitamente, farinha, que raramente os larga) são, por excelência a comida; o resto se chama mistura, de modo significativo.

...

Para todos, as misturas prediletas são o pão de trigo e a carne de vaca, ambos de raro consumo. concordam que a de porco e a de galinha cansam, além da primeira ser menos saudável. Mas a de gado faz bem e, supõem não enjoa; supõem, porque nunca fizeram na vida a experiência de comê-la seguidamente.

Sob este ponto de vista, é preciso assinalar a diminuição considerável da ração cárnea do caipira, que antes provia pela considerável na ração cárnea do caipira, que antes se provia pela caça; hoje, esta entrou em decadência como fonte de recurso alimentares...

Isto posto, coloca-se a questão principal deste trabalho que é a verificação de como essa prática se põe entre caipiras da cidade de Conchas,

---

<sup>10</sup> - ibidem, pg. 89

e se estas ainda expressam os preceitos de solidariedade dos períodos anteriores, conforme focado por esse autor.

Para tanto faz-se necessário historicizar tal prática, ou seja, resgatar os sentidos originais que causaram estas formas de relações societárias consubstanciadas nos mutirões e as necessidades que se põem hoje para as pessoas daquela comunidade e que as levam a reproduzi-las, embora com outros sentidos.

Trata-se, portanto, de analisar as práticas de mutirões presentes hoje em festividades nos municípios de Conchas e, com menos freqüência, em Bofete. A escolha dessas localidades, em um primeiro momento seria, pela razão de ter passado minha infância e uma parte da juventude nesta região, principalmente em Conchas, uma cidadezinha a aproximadamente 170 quilômetros de São Paulo, que atualmente possui uma população de 16500 habitantes, distribuídos entre a zona urbana e a zona rural.<sup>11</sup>

Coloca-se aí uma questão ao pesquisador. Trata-se de uma *resistência cultural*, conforme concluiu o historiador inglês E. P. Thompson, ao analisar práticas descritas pelos ingleses do século XVIII em relação às suas tradicionais relações sociais, rituais, costumes e quotidianos, subsumidas ao avanço do capitalismo? Poder-se-ia falar, conforme ele o considerou, de uma resistência expressa nos costumes, contra a interferência das inovações econômicas e sociais do avanço do capitalismo?<sup>12</sup>

Uma resistência que tem sido observada por inúmeros trabalhos recentes, como a obra que trata sobre a resistência cultural observada na diferença entre a conduta da população de uma cidade mineira – Montes

---

<sup>11</sup> Fonte censo nacional do ano 2000.

<sup>12</sup> THOMPSON, E.P. *Costumes em comum*. Tradução: Rosaura Eicheberg. Cia das letras. 1998.

Claros, em fins do século XIX, que nem sempre estava de acordo com os preceitos legais e normativos estabelecidos pela justiça.<sup>13</sup>

Notamos que apesar da influência do capitalismo e da modernidade, alguns aspectos culturais da vida do sertanejo podem sobreviver e ainda serem utilizadas. Por outro lado, de fato ele tinha razão, pois esta sociedade sucumbiu-se em vários aspectos à modernidade. Assim por exemplo, nas atividades do trabalho, pode-se notar uma grande mudança. Hoje, o sertanejo utiliza equipamentos modernos, vende o excesso de sua produção, utiliza tratores em substituição, desde a década de 80 do século XX, ao arado de outrora, puxado por burros, os lampiões foram trocados pela luz elétrica, em muitas casas da zona rural, os fogões a lenha foram substituídos pelo a gás.

Mas, como antigamente acontecia com o predomínio dos latifúndios, atualmente os pequenos proprietários se vêm sufocados pelas grandes plantações de cana de açúcar, cultura que domina a maior parte das terras do estado de São Paulo. Caso semelhante ao ocorrido nos séculos XIX e meados do século XX, quando o café cobria a maior parte das terras cultiváveis e exercia uma enorme pressão sobre o caipira. No entanto a grande mobilidade, devido à enorme quantidade de terras ainda não exploradas, já não existe mais no estado de São Paulo, dificultando mais ainda a vida dessas pessoas.

Na região objeto deste estudo, a monocultura ainda não penetrou totalmente e as pequenas propriedades são a grande maioria. Assim, podemos notar que o sertanejo ainda preserva características das presenciadas por Antonio Candido, embora o isolamento quase absoluto não

---

<sup>13</sup> BATISTA, Dimas José. *A administração da justiça e o controle da criminalidade no médio sertão do São Francisco, 1830 – 1880*. Doutorado – USP, 2006.

mais exista. As principais atividades econômicas encontradas na região estudada são: a agropecuária, a avicultura e as olarias.

Nesta região, a grande maioria das pequenas propriedades tem uma olaria, ou uma granja, que completam os ganhos do sertanejo que vêm das pequenas plantações de arroz, feijão, milho, mandioca, etc, que são utilizadas para o consumo próprio e o excedente vendido. Também possuem gado leiteiro e algumas cabeças para corte, que são vendidos para frigoríficos da região. Além disso, também existe a criação de porcos. A avicultura ganhou força há algumas décadas como complemento dos rendimentos. Funciona da seguinte forma: o sitiante constrói galpões onde se instalam as granjas e arca com a mão de obra. As empresas que são chamadas de cooperativas fornecem as aves, os remédios e a ração e depois paga uma quantia por frango vivo criado.

O interessante é que os descendentes desses caipiras, ao contrário de alguns anos atrás, quando a grande maioria abandonava a zona rural para se estabelecerem nos grandes centros, com a finalidade de estudar e ser um “doutor”, como queriam seus pais. Hoje, querem ficar nas propriedades rurais, muitos se formam em faculdades, como agronomia, zootecnia e veterinária e voltam para aplicar seus conhecimentos na propriedades da família.

### **O tema na historiografia**

E quem são estes indivíduos que realizam tal prática?

O tema do caipira é amplamente discutido na historiografia brasileira. A todo o momento surgem dissertações de mestrado e teses de doutorado que tem em seu enfoque a cultura do sertanejo. Recentes trabalhos debatem a questão da solidariedade do caipira paulista, mas a grande maioria analisa essa solidariedade.

O impacto do capitalismo na sociedade caipira, principalmente na cidade de Jaú, interior de São Paulo, é abordado em *Fogão de Lenha – Chapéu de Palha Jauenses – herdeiros da rusticidade no processo de Modernização*.<sup>14</sup> Logo no início da sua dissertação, a autora situa os objetivos do seu trabalho, que foi o de buscar o caipira tradicional, aquele caipira descrito e analisado por Antonio Candido, na metade do século XX. Após uma explanação detalhada de um caipira imaginado, Mariano descreve o que, de fato, encontrou: um caipira desfigurado diante do modernismo. Porém, diz ela, isso já era compreensível, pois uma sociedade tão frágil não poderia sobreviver aos avanços do modernismo.

A questão do sertanejo na atualidade manifestada através da música, em especial o cururu, principalmente na região de Piracicaba, é recuperada por Dinah Gimenes,<sup>15</sup> enquanto as representações do sertanejo, preconceituosamente denominado caipira, são recuperadas por Malta, visando situar sua cultura como expressão de uma identidade nacional.<sup>16</sup>

No entanto, esses trabalhos abordam vagamente o aspecto da solidariedade do caipira que ainda pode ser encontrado na atualidade (2008-2009). Tendo como modelo o modo de vida dos caipiras no passado, como aquele descrito por Antonio Candido, concluem que sua cultura não mais subsiste nos dias de hoje devido aos grandes avanços tecnológicos que obrigam o sertanejo de hoje a se adaptar ao progresso.

Uma denominação que comumente suscita debates é o uso da expressão “caipira” para denominá-los. Segundo Luiz da Câmara Cascudo:

---

<sup>14</sup> MARIANO, Neusa de Fátima: *Fogão de Lenha – Chapéu de Palha Jauenses – herdeiros da rusticidade no processo de Modernização*. Dissertação de mestrado USP –

<sup>15</sup> CASTILHO, Dinah Eliana Gimenes: *O Caramuru e sua sobrevivência frente à globalização*. 2008 Unesp.

<sup>16</sup> MALTA, Marcio José Melo. *Jeca na Careta: Charges e identidade nacional*. 2007 UFRJ.

caipira é uma palavra originária da língua tupi a origem estaria no termo “caapora”, que junta caa que seria mato e porá igual a morador habitante. Então desta forma caipira seria morador do mato.<sup>17</sup>

Já para o antropólogo Darcy Ribeiro, este termo refere-se ao habitante da Paulistânia, região que compreende o interior do estado de São Paulo, o norte do Paraná, Minas Gerais e Matogrosso, e parte de Goiás.

O que se observa é que, nascido da mistura do branco português e dos índios, nos primeiros séculos da colonização, esse homem, que ficou à margem dos grandes latifúndios produtores de riqueza, teve que se virar com as adversidades da terra, construindo uma cultura material que resulta da mistura de costumes europeus com os dos indígenas e entre os séculos XVII ao XIX representava uma parcela dos denominados homens livres.

Digo uma parcela porque esta população de homens livres compunha uma enorme diversidade de pessoas, que iam desde escravos alforriados, até viajantes e andarilhos, assim como os posseiros e pequenos sitiantes.

Pode-se considerar que, em geral, eram todas as pessoas que não se enquadravam, ou como donos de fazendas, latifundiários ou empresários enriquecidos, ou – na outra ponta – os trabalhadores em regime de escravidão. Neste sentido vai o estudo de Maria Sylvia de Carvalho Franco, em seu livro, *Homens Livres na ordem escravocrata*.<sup>18</sup>

Se o sertanejo tinha em suas características a grande mobilidade social, como existiam muitas terras a serem exploradas, cada vez que as fazendas de café se aproximavam eles iam mudando para terras ainda a serem exploradas, porém com o passar do tempo isso não foi mais possível e esse homem itinerante teve que se fixar em pequenas propriedades e passar a conviver cada vez mais com os modos capitalistas.

---

<sup>17</sup> - CASCUDO, Luiz da Câmara. *Dicionário de Folclore Brasileiro*. Rio de Janeiro. 10ª Ed. Ediouro. s/d

<sup>18</sup> FRANCO, Maria Sylvia de Carvalho. *Homens Livres na ordem escravocrata*. 4 ed., São Paulo: Editora Unesp, 1997: 36.

Devido a mudanças constantes, esse povo se manteve isolado e de maneira nômade, durante séculos.

Essas mudanças se davam em virtude da grande quantidade de terras férteis e à riqueza das fontes naturais, também devido à marginalização destas populações caipiras em relação às pessoas que viviam nas cidades e os grandes fazendeiros, que os expulsavam à medida que aumentavam suas terras. Esses foram alguns fatores que contribuíram para que aquelas pessoas se mantivessem vivendo quase que isoladas. Com isso, elas foram obrigadas a utilizar, para sua sobrevivência, a estratificação, tais como: a caça, que era abundante nessa época, a pesca, e frutas nativas e a agricultura de subsistência.

Durante muito tempo esse caipira esteve marginalizado em relação à grande propriedade monocultora e, à medida que o Brasil se urbanizava, passou a ser estigmatizado pela sua maneira de viver, o que se mantém até hoje, guardadas as proporções.

No início do século XX, autores consagrados da nossa literatura como, por exemplo, Monteiro Lobato, associavam a imagem do caipira à de um vagabundo, que não tinha vontade de trabalhar e que vivia o tempo todo com preguiça atravancando a grande marcha pelo progresso do nosso país. Em seu livro *Urupês*, descreve assim este integrante do mundo rural.

Vive “e vegeta de cócoras”, à base da lei do menor esforço, alimentando-se e curando-se e daquilo que a natureza lhe dá, alheio a tudo o que se passa no mundo, menos do ato de votar. Representa a ignorância e o atraso do homem do campo.<sup>19</sup>

Em outra parte do seu livro continua estabelecendo uma imagem pejorativa do sertanejo.

---

<sup>19</sup> LOBATO, Monteiro. *Urupês*. São Paulo, 1ª ed.; São Paulo:Editora Brasiliense, 1994:161.

Este funesto parasita da terra é o Caboclo, espécie de homem baldio, seminômade, inadaptável a civilização, mas que vive a beira da penumbra das zonas fronteiriças. A medida que o progresso vem chegando com a via férrea, o italiano, o arado, a valorização da terra da propriedade, vai ele refugindo em silencio, com seu cachorro, o seu pilão, a pica pau e o isqueiro, de modo a sempre conservar-se fronteiriço, mudo a sorba. Encosorado numa rotina de pedra, recua para não adaptar-se.<sup>20</sup>

Em contrapartida a Lobato, Cornélio Pires, nascido em Tietê no estado de São Paulo, poeta, compositor e grande estudioso da cultura caipira, em suas obras, sempre sai em defesa do sertanejo, alegando que este não tinha ânimo, pois a terra em que morava não era de sua propriedade, desta forma viviam da agricultura de subsistência e complementavam a alimentação com a caça e a exploração da natureza. Primeiramente, rebate o estereótipo do caipira criado por Monteiro Lobato:

O nosso caipira tem sido uma vítima de alguns escritores patricios, que não vacilam em deprimir o menos poderoso dos homens para aproveitar figuras interessantes e frases felizes como jogo de palavras. Sem conhecimento direto do assunto, baseado em rápidas observações sobre “mumbavas” e agregados (...)”.<sup>21</sup>

Ainda em defesa do homem sertanejo Pires escreve o seguinte:

“Os caipiras não são vadios: ótimos trabalhadores, têm crise de desânimo quando não trabalham em suas terras e são forçados a trabalhar como camaradas, a jornal. Nesse caso o caipira quase sempre é uma vítima” (...).<sup>22</sup>

Também faz uma definição de quem era esse caipira.

Nascido fora da cidade criados em plena natureza, infelizmente tolhidos pelo analfabetismo, agem mais pelo coração que pela cabeça. Tímidos e desconfiados ao entrar em contato com habitantes da cidade, no seu meio

---

<sup>20</sup> Idem, pg:164.

<sup>21</sup> PIRES, Cornélio. *Conversas ao Pé-de-fogão*. Itu: Ed. Ottoni, 2002.

<sup>22</sup> Idem, pg. 21.

são expansivos e alegres, folgazões e francos; mais francos e folgazões que nós outros, os da cidade. De rara inteligência – não vai nisto exagero – são incontestavelmente, mais argutos, mais finos que os camponeses estrangeiros. Compreendem e apreendem com maior facilidade: fato, aliás, observado por estrangeiros que com eles têm tido ocasião de privar.

É fato: o caipira, puxado de enxada, com a maior facilidade se transforma em carpinteiro, ferreiro, adomador, tecedor de taquares e guembê, ou construtor de pontes. Basta-lhe “um só” explicação bem clara; ele responderá: se os ôtro fáiz...proque na hi de fazê!... Não agaranto muito, mais vô exprimentá.<sup>23</sup>

Pires ainda em *Conversa ao pé-do-fogão*, na intenção de mostrar que existem vários tipos de caipira, faz uma divisão em relação a sua origem: o caipira branco, geralmente de origem européia; o caipira caboclo, que descende de índios com brancos; o caipira preto, de origem de escravos africanos; o caipira mulato, que tem sua origem na mistura de escravos africanos com brancos.

Continuando a falar sobre a figura do caipira, imortalizada em quadros, sendo este sertanejo aí retratado em sua vida cotidiana como nas telas do caipira picando fumo, *caipiras negaceando*, *o violeiro* entre outros.

Almeida Junior pode não ter tido a intenção de denegrir a imagem do caipira quando o retrata em seu cotidiano de forma sempre indolente, maltrapilho e em um eterno descanso, quase nunca em atividade, pois em seu quadro intitulado *Caipira cortando lenha*, o sertanejo aparece trabalhando. Afinal, este pintor era um representante daquela sociedade, nascera em Itu, interior de São Paulo e, embora tivesse estudado na França, nunca perdeu o vínculo com suas origens interioranas. Porém, posteriormente, suas obras foram usadas para ridicularizar o sertanejo. Segundo Alves, essa figura do caipira que Almeida Junior tentou passar foi

---

<sup>23</sup> Ibidem, pg. 20.

utilizada para denegrir esse sertanejo, difundida como sinônimo de atraso ao progresso.<sup>24</sup>

A enorme repercussão que suas obras tiveram na sociedade de então e nas décadas posteriores demonstram bem o estigma com que estes sujeitos sociais eram vistos pelas pessoas que moravam nas zonas urbanas.

Nem mesmo a posterior retratação de Lobato com outra obra, *Zé Brasil*, foi capaz de dissociar a figura do caipira à do preguiçoso e até a data dessa pesquisa é comum chamar a pessoa que vem do interior paulista de Jeca.

Esse estereótipo da figura do caipira pode ser notado mesmo livros infantis como os de Mauricio de Souza, autor da *Turma da Monica*, o qual descreve a figura do caipira “Chico Bento”, personagem que segue as características descritas por Monteiro Lobato.

A figura do caipira preguiçoso e oportunista também foi amplamente difundida no cinema na figura de um dos mais renomados atores brasileiros, Amácio Mazzaropi, que apesar de ter nascido e vivido na capital paulista, incorporou como ninguém a figura do caipira Jeca, personagem criado por Lobato, e para ilustração temos a dissertação de Mestrado de Luzimar Goulart Gouvêa.<sup>25</sup>

A representação do caipira pode ser entendida num confronto entre as obras de Monteiro Lobato e de Mazzaropi, traçando observações sobre os procedimentos adotados na construção da figura do caipira presente na literatura e no cinema brasileiro. A construção do caipira paulista na visão de Monteiro Lobato, não considerou o processo histórico que criou um tipo de

---

<sup>24</sup> ALVES, Antonio Tadeu de Miranda, *Retrato de Caipira: Construção de um estereotipo em Ângelo Agostini (1866-1872)*. Mestrado, PUC-SP, 2007

<sup>25</sup> GOUVEA, Luzimar Goulart. *O homem caipira nas obras de Lobato e Mazzaropi: a construção de um imaginário*. Mestrado, Unicamp, 2002.

cultura específica e, de Mazzaropi, aproveitou o personagem Jeca Tatu no cinema para mostrar a voz do caipira.<sup>26</sup>

Outros trabalhos de suma importância descrevem a figura do caipira, seus hábitos de vida, sua religiosidade, sua solidariedade, sua cultura.

Isso pode ser observado em *Caminhos e Fronteiras*, obra que faz uma descrição da lenta ocupação territorial feita pelos bandeirantes, mostrando seus hábitos adquiridos dos povos indígenas e absorvidos por estes nas práticas cotidianas, entre elas a alimentação o trabalho etc. Com o passar do tempo, o modo de vida indígena e do colonizador português foram sendo absorvidos por essa parcela da população que habitava a região de São Paulo e foi incorporada ao modo de vida do caipira.<sup>27</sup>

O caipira também merece um capítulo especial, em *O povo brasileiro*<sup>28</sup> onde Darcy Ribeiro faz uma análise da formação desta sociedade, visando explicar características atuais da cultura brasileira.

O modo de vida do sertanejo foi amplamente estudado em *Homens livres na ordem escravocrata*<sup>29</sup>, onde a autora recorre a processos judiciais registrados no final do século XIX, para mostrar como viviam os homens livres, ou seja, o sertanejo, diante de uma sociedade voltada para a monocultura cafeeira e de uma sociedade escravista na região do Vale do Paraíba.

Existem muitos outros trabalhos de grande relevância que estudam o caipira, seu modo de vida e as mudanças, que ocorreram com o avanço da modernização. Contudo, não se pode deixar de mencionar os trabalhos

---

<sup>26</sup> Idem.

<sup>27</sup> HOLANDA, Sergio Buarque. *Caminhos e Fronteiras*. 3ª Ed., São Paulo:Cia das Letras, 1994.

<sup>28</sup> RIBEIRO, Darcy. *O Povo Brasileiro: a formação e o sentido do Brasil*, São Paulo: Cia das Letras, 2006.

<sup>29</sup> FRANCO, Maria Sylvia de Carvalho. *Homens Livres na ordem escravocrata*. 4 ed., São Paulo:Editora Unesp, 1997.

voltados para a análise da cultura desse sertanejo, que mesmo com o passar do tempo resiste à modernização. Passaremos agora, a expor alguns trabalhos acadêmicos, que dão ênfase à cultura do sertanejo.

A cultura caipira é mostrada em *Formação e expansão da cultura e dialeto caipira na região de Piracicaba*, faz uma análise sobre a região de Piracicaba, sua história não englobando apenas a história oficial, mas a história do homem pobre e livre desta região.<sup>30</sup>

A música também é objeto de estudo cultural do sertanejo em: *A viola con anima: uma construção simbólica*, onde sua autora analisa viola, desde sua introdução no Brasil até sua utilização na vida do sertanejo brasileiro, entre eles o caipira paulista.<sup>31</sup>

Nas representações do caipira nas telas Almeida Junior, seu autor tenta entender como por meio da representação corporal do caipira e de outros personagens para mostrar que o artista é produto e produtor do imaginário paulista, bem na hora que as elites paulistas procuravam uma identidade para o Estado.<sup>32</sup>

Por meio da música caipira se expressa a vida, o homem rústico e o cururu, analisado no médio Tietê por Santos, que propõe uma retomada histórica do processo de colonização no continente americano, a partir da região paulista, ela traça uma interpretação da realidade social de cantadores de cururu, em meio ao encontro civilizatório ocorrido entre a população indígena americana e população européia.<sup>33</sup>

---

<sup>30</sup> PIRES, Cibelia Renata da Silva. *Formação e expansão da cultura e do dialeto caipira na região de Piracicaba*. Mestrado da FFLCH – USP, 2008.

<sup>31</sup> NOGUEIRA, Gisela Gomes Pupo. *A viola con anima: uma construção simbólica*. Tese de Doutorado ECA-USP, 2008.

<sup>32</sup> PERUTTI, Daniela Carolina. *Gestos feitos de tinta: as representações corporais na pintura de Almeida Júnior*. Dissertação de mestrado, FFLCH-USP, 2007.

<sup>33</sup> SANTOS, Elisângela de Jesus. *Nas melodias da Toada: riso e performance no cururu paulista*. Mestrado, Unesp, 2008.

Em *Do velho se faz o ovo sue* o autor faz uma reflexão sobre a composição do musical *Cheiro de Mato e Chão*, obras baseadas em um libreto, até aqui conhecida como caipira.<sup>34</sup>

O imaginário rural, e em especial o da cultura caipira e as suas influências no desejo de permanecer e de retornar a terra. A autora aborda as características e diferentes formas dos sujeitos influenciados por esses imaginários e a variação dos seus gestos, habito, musicas, crenças etc.<sup>35</sup>

O que propõe esse trabalho é que apesar de todo esse avanço tecnológico e a inserção desse homem do sertão no mundo globalizado, hábitos e modo de vida desse sertanejo ainda são preservados e muito utilizados em muitas regiões do Estado de São Paulo.

### **Um breve perfil do objeto de estudos**

A zona rural do município de Conchas é dividida entre vários bairros rurais, entre eles Santana, São Roque, Santo Antonio, Binos, Silva, Pará, etc, que serão mencionados mais adiante.



Mapa do Estado de São Paulo fonte extraída do site Wikipedia

<sup>34</sup>PINTO, Ivan Vilela. *Do velho se faz o ovo*. Mestrado – Unicamp, 1999.

<sup>35</sup> KELLEN, Maria Junqueira. *A imagem e a memória nos processos de criação: o rural e a cultura caipira no imaginário da luta pela terra*. Mestrado – Unicamp, 2007.

Para uma melhor compreensão da região a ser estudada, farei uma síntese da história desses municípios, começando por Conchas. O texto abaixo foi retirado da página da internet das Prefeituras dos municípios de Conchas e Bofete e relatam um breve histórico da formação desses municípios desde a sua fundação.



Mapa da região de Conchas e Bofete. Fonte: página da internet Prefeitura do município de Bofete

Conchas é um pequeno município do interior do Estado de São Paulo, que tem, segundo o Censo Demográfico de 2000 14. 905 habitantes, sendo que 11278 habitam a zona urbana e 3627, a zona rural. Tem sua origem, segundo a história oficial, nas margens do Rio Tietê, hoje atual Bairro do Pau-Cavalo, onde viviam, na época colonial, índios da etnia Ges. Em 1700 surgem às primeiras aglomerações de homens livres, às margens do Rio Tietê, escravos foragidos e mestiços de índios com brancos, vivem no primeiro povoado. Desde estes tempos, já se fazia a festa do Divino Espírito Santo. A partir do ano de 1765, os bandeirantes começaram a se apossar das terras em Conchas. Em 1850, com a lei de terras, o governo federal obriga

que todas as sesmarias sejam registradas em cartório, a partir daí mais povoados surgem. Com a chegada da estrada de ferro sorocabana, um povoado surge ao redor da linha férrea, que deu início a atual cidade de Conchas, região urbana. Adiante, falaremos mais da relação da estrada de ferro com a cidade. No ano de 1865, é criado o Distrito da Paz, já em 1916 é criado o município que, em 1945, é elevado à categoria de Comarca com jurisdição sobre mais três municípios, Anhembi, Bofete e Pereiras. A origem do nome Conchas vem do rio que corta a cidade o Ribeirão das Conchas, afluente do Rio Tietê.

Os rios mais importantes são o Tietê e seus afluentes: das Conchas e do Peixe. Há ainda diversas correntes de água, como os ribeirões do Salgado, do Moquém, do Pará e os córregos a divisa do Anselmo, do Alfredo e do Luis Ribeiro.

Atualmente, margeia o município, a Rodovia Marechal Rondon, interligando-se à Rodovia Castelo Branco a qual, possui vegetação bastante devastada, devido à atividade humana, notando-se a predominância de campos.

Conchas têm como base econômica a avicultura e a pecuária, destacando-se outros ramos de atividade, como: olaria, cerâmica, marcenaria, laticínio, fábricas de bebidas, confecções de roupas e frigoríficos de frango. Conta também com o Terminal Intermodal no rio Tietê, sendo o terminal mais próximo da capital.<sup>36</sup>

Já Bofete tem sua origem, segundo o “site” da prefeitura, com o estabelecimento das famílias de João Antonio Gonçalves e Feliz Hilário, que

---

<sup>36</sup> Site da prefeitura de Conchas: [www.conchas.sp.gov](http://www.conchas.sp.gov)

fixaram residência junto à Serra de Botucatu, em 1840. Novos sertanistas se radicaram na região, tendo construído uma capela. Três anos depois, Vicente Ferreira dá a área para a formação do patrimônio, bem como a imagem de Nossa Senhora dos Remédios. A povoação, até então conhecida por Samambaia, passou a denominar-se Patrimônio de Nossa Senhora da Piedade e, posteriormente Rio Bonito, em virtude de este passar junto à vila. Com este nome foi elevada a categoria de freguesia, em 1866. Nos primeiros tempos, a economia local baseava-se na pecuária, mas foi o café que possibilitou maior desenvolvimento, tendo sido criado em 1880, o município de Rio Bonito. Passou a denominar-se Bofete em homenagem ao grande morro que fica a seu pé. Por esse morro, passava uma estrada que levava ao município paulista de Tatuí, que era ponto de passagem de sertanistas. No local, havia grandes cavernas onde os tropeiros guardavam seus pertences, inclusive mantimentos. Por coincidência, havia um tipo de móvel de origem francesa, usado para estocar alimentos, que se denominava “Bufett”. Como no morro continha tais cavernas que serviam como abrigo e o móvel era utilizado para estocar mantimentos, houve uma associação entre ambos e surgiu o nome aportuguesado pelos sertanistas de “bofete”, que se tornou popular na comunidade e originou o nome de Bofete. Uma curiosidade sobre este município, segundo consta depois da promulgação da primeira constituição republicana, é que dava aos donos de terra a propriedade das riquezas minerais do subsolo, ocorrendo, então, a primeira sondagem mais profunda com o objetivo de explorar petróleo, realizada no morro do Bofete, onde foi perfurado um poço que chegou a profundidade de 488 metros. Hoje, quando se fala em petróleo, a palavra Bofete pode não significar nada para a maioria das pessoas. Mas Bofete foi o local onde houve a primeira perfuração de poço profundo de petróleo brasileiro, entre os anos de 1892 e 1896. Um rico fazendeiro de Campinas, Eugenio Ferreira de Camargo, realizou seu projeto de exploração de petróleo na região. Para dar asas ao seu

sonho, Camargo importou uma sonda e uma equipe de técnicos dos EUA para perfurar um poço de 488 metros de profundidade, de onde retira apenas água sulfurosa e dois barris de óleo. Sua frustração, entretanto, não foi em vão. Daí em diante, o Brasil se voltou definitivamente para a busca do petróleo e movimentos são feitos para profissionalizar a atividade. A iniciativa se tornou um dos marcos da exploração petrolífera no país, nos registros da Petrobrás, embora pouco se saiba sobre o responsável pela empreitada, o fazendeiro Eugenio Ferreira de Camargo foi o pioneiro na exploração do mineral. Hoje, esse poço encontra-se lacrado.

A população de Bofete é de 8565 habitantes e a cidade está localizada a 190 km da capital, vindo pela Rodovia Castelo Branco. Sua economia é muito diversificada, com isso o município ainda não ganhou identidade no setor econômico. Suas principais atividades econômicas são: pecuária, comércio, Imobiliário, cultura de eucaliptos, cultura de cítricos, granjas (criação de frangos), extração de areia e agricultura familiar. O município tem 01 escola estadual e quatro municipais, sendo que três ficam nos bairros rurais de São Roque, Distrito de Santo Inácio e Castelão.<sup>37</sup>

Bofete, além do que foi relatado, foi o objeto de estudo do modo de vida do caipira pelo professor Antonio Candido, em “Parceiros do Rio Bonito”, onde ele faz uma descrição minuciosa não só da fundação do município, sua história e uma análise criteriosa da sua população, à época em que seu trabalho foi realizado.<sup>38</sup>

## FONTES

---

<sup>37</sup> Site da prefeitura do município de Bofete-SP. [www.bofete.sp.gov](http://www.bofete.sp.gov).

<sup>38</sup> CANDIDO, *opus cit.*

Para fundamentação deste trabalho serão utilizadas as seguintes fontes: Pesquisa de campo no interior paulista, mais precisamente nas cidades de Conchas e também em Bofete, com o intuito de analisar a permanência das práticas de mutirão enquanto expressão de resistência cultural face à presença da modernidade advinda com a globalização.

Para que este trabalho seja possível será necessário colher o relato dos moradores de bairros rurais destas localidades, onde tais práticas ainda são observadas. Como esses relatos serão transmitidos oralmente e utilizados como fonte que dará sustentação a este trabalho, é importante entender o que é fonte oral e o que é História oral. Sobre este assunto existem várias definições e uma delas é:

Fonte oral é mais que história oral, Fonte oral é registro de qualquer recurso que guarda vestígios de manifestações da oralidade humana. Entrevistas esporádicas feitas sem propósito explícito, gravações de músicas, absolutamente tudo que é gravado e preservado se constitui em documento oral. Entrevista, porém é historia oral em sentido estrito.<sup>39</sup>

Neste trecho, Meihy define fonte oral. Vejamos o que diz sobre História oral em duas definições:

História oral é um conjunto de procedimentos que se inicia com a elaboração de um projeto e que continua com o estabelecimento de um grupo pessoas a serem entrevistadas. O projeto prevê: planejamento na condução das gravações com definição de locais, tempo de duração e demais fatores ambientais; conferência do produto escrito; autorização para uso; arquivamento e, sempre que possível, a publicação dos resultados que devem, em primeiro lugar voltar ao grupo que gerou as entrevistas.

História oral é um recurso moderno usado para a elaboração de registros, documentos, arquivamento e estudos referentes à experiência social de pessoas e de grupos. Ela é sempre uma história do tempo presente e também reconhecida como história viva.<sup>40</sup>

---

<sup>39</sup> MEIHY, José Carlos Sebe Bom. *História oral: como fazer, como pensar*. São Paulo: Contexto, 2007.

<sup>40</sup> -idem pg. 17

Outra definição de história oral diz o seguinte:

A história oral é uma história construída em torno de pessoas. Ela lança a vida para dentro da própria história e isso alarga seu campo de ação. Admite heróis vindos não só dentre os líderes, mas dentre a maioria desconhecida do povo. Estimula a professores e alunos a se tornarem companheiros de trabalho. Leva a história para dentro da comunidade. Ela ajuda os menos favorecidos, especialmente os idosos, a conquistarem dignidade e autoconfiança. Propicia o contato – e a compreensão – entre classes sociais e entre gerações. E parta cada um dos historiadores e outros que partilhem das mesmas intenções, ela pode dar um sentimento de pertencer a determinado lugar e determinada época. Em suma, contribui para formar seres humanos mais completos. Paralelamente, a história oral propõe um desafio aos mitos consagrados da história, ao juízo autoritário inerente à sua tradição. E oferece os meios para uma transformação radical no sentido social da história.<sup>41</sup>

Diante dessas definições, vemos a importância de uma colheita de entrevistas das pessoas que praticam o mutirão e que são os sujeitos que nos possibilitam verificar se as hipóteses aqui levantadas procedem ou não. Além da colheita das informações também serão pesquisadas fontes documentais, tais como folhetos de festas religiosas, jornais da região que falem do tema no passado e que possam dar ao trabalho maior robustez a pesquisa. Também consulta aos sites oficiais dos municípios de Conchas e Bofete.

---

<sup>41</sup> THOMPSON, Paul. *A voz do passado: História oral*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992, pg. 42.

## BIBLIOGRAFIA

ALENCAR, Maria Amélia Garcia de. Cultura e identidade nos sertões do Brasil: representações na música popular, in: [www.scielo.gov.br](http://www.scielo.gov.br);

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Tempos e Espaços nos mundos rurais do Brasil, in: [www.googleacademico.com.br](http://www.googleacademico.com.br);

CASCUDO, Luiz da Câmara. *Dicionário de Folclore Brasileiro*. 10ª Ed. Rio de Janeiro:Ediouro, s/d

CANDIDO, Antonio. *Os Parceiros do Rio Bonito*: Estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida. São Paulo:Ed 34, 2001.

FRANCO, Maria Sylvia de Carvalho. *Homens Livres na ordem escravocrata*. 4 ed., São Paulo:Editora Unesp, 1997.

HOLANDA, Sérgio Buarque. *Caminhos e Fronteiras*. 3ª Ed., São Paulo:Cia das Letras, 1994.

IANNI, Otávio. *A era do Globalismo*. 1ª Ed., SP:Civilização brasileira, 1996.

LOPES, José Rogério & SOUZA, Régis de Toledo. *Religiosidade e iconografia em contextos populares da sociedade brasileira* in: [www.scielo.gov.br](http://www.scielo.gov.br)

LOBATO, Monteiro. *Urupês*. São Paulo, 1ª ed.; São Paulo:Editora Brasiliense, 1994.

MELERO, Margareth Yayo Gimbo & OLIVEIRA, Maria Alice Oliva de. *Um Diálogo com Monteiro Lobato*. Extraído do site: [www.imaginário.com.br](http://www.imaginário.com.br)

QUEIROZ, Maria Isaura. *Bairros rurais paulistas: dinâmicas das relações bairro rural - cidade*. São Paulo: Duas Cidades, 1973.

RIBEIRO, Darcy. *O Povo Brasileiro: a formação e o sentido do Brasil* – São Paulo: Cia das Letras, 2006.

THOMPSON, E.P. *Costumes em comum*. Tradução: Rosaura Eichenberg. Cia das letras.

THOMPSON, Paul. *A voz do passado: História oral*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. *História oral: como fazer, como pensar*. São Paulo: Contexto, 2007.

*Mundo rural e Tempo presente/* organizadores: Luiz Flavio Carvalho Costa, Regina Bruno, Roberto José Moreira. – Rio de Janeiro: Mauad, 1999.

VAINFAS, Ronaldo. *História das Mentalidades e História Cultural* in CARDOSO, Ciro Flamarion & VAINFAS, Ronaldo. *Domínios da História, Ensaios de teoria e metodologia*.

### **Teses e Dissertações:FD**

ALVES, Antonio Tadeu de Miranda, *Retrato de Caipira: Construção de um estereotipo em Ângelo Agostini (1866-1872)*. Mestrado, PUC-SP, 2007

BATISTA, Dimas José. *A administração da justiça e o controle da criminalidade no médio sertão do São Francisco, 1830 – 1880*. Doutorado – USP, 2006

CASTILHO, Dinah Eliana Gimenes: *O Caramuru e sua sobrevivência frente à globalização*. 2008 Unesp.

GOUVEA, Luzimar Goulart. *O homem caipira nas obras de Lobato e Mazzaropi: a construção de um imaginário*. Mestrado – Unicamp, 2002.

KELLEN, Maria Junqueira. *A imagem e a memória nos processos de criação: o rural e a cultura caipira no imaginário da luta pela terra*. Mestrado – Unicamp, 2007.

MARIANO, Neusa de Fátima: *Fogão de Lenha –Chapéu de Palha Jauenses –herdeiros da rusticidade no processo de Modernização*. Dissertação de mestrado USP –

ORTIZ, Renato. *Mundialização e cultura*. – São Paulo: 2ª Ed. - Brasiliense, 1996.

PERUTTI, Daniela Carolina. *Gestos feitos de tinta: as representações corporais na pintura de Almeida Júnior*. Dissertação de mestrado, FFLCH-USP, 2007.

PIRES, Cibelia Renata da Silva . *Formação e expansão da cultura e do dialeto caipira na região de Piracicaba*. Mestrado da FFLCH – USP, 2008.

PINTO, Ivan Vilela. *Do velho se faz o ovo*. Mestrado – Unicamp, 1999.

SANTOS, Elisangela de Jesus. *Nas melodias da Toada: riso e performance no cururu paulista*. Mestrado, Unesp, 2008.

### **Documentários ;**

*O Povo Brasileiro*, documentário. Direção Isa Grinspum Ferraz. Ano 2000, 280 minutos.

*Terra Paulista – Vale do Médio Tietê*. Direção Sérgio Roizenblit. 115 minutos.

### **Sites Pesquisados:**

[www.scielo.gov.br](http://www.scielo.gov.br);

[www.imaginário.com.br](http://www.imaginário.com.br);

[www.googleacademico.com.br](http://www.googleacademico.com.br);

Site da prefeitura Conchas: [www.conchas.sp.gov](http://www.conchas.sp.gov)

Site da prefeitura de Bofete: [www.bofete.sp.gov](http://www.bofete.sp.gov)